

Editora Zain

Rádio Noite

Yuri Andrukhóvytch

TRADUÇÃO DO UCRANIANO
Lucas Simone

zaín

© Yuri Andrukhóvytch, 2021. Edição original ucraniana publicada em 2021 por Meridian Czernowitz, Chernivtsi.
© Suhrkamp Verlag, Berlim, 2022. Todos os direitos reservados.
© Editora Zain, 2024

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: Радио Ніч

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

PROJETO DA CAPA

Violaine Cadinot

PROJETO DO MIOLO

Julio Abreu

PREPARAÇÃO

Nina Schipper

REVISÃO

Cristina Yamazaki

Marina Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrukhóvytch, Yuri
Rádio Noite / Yuri Andrukhóvytch ; tradução Lucas Simone. – 1ª ed. –
Belo Horizonte, MG : Zain, 2024.

Título original: Радио Ніч

ISBN 978-65-85603-14-0

1. Ficção ucraniana I. Título.

24-227905

CDD-891.793

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura ucraniana 891.793

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes
30170-132 – Belo Horizonte, MG
www.editorazain.com.br
contato@editorazain.com.br
instagram.com/editorazain

Rádio Noite

*Eu não era mais eu, era uma outra pessoa, mas, justamente
por isso, voltei afinal a ser eu mesmo.*

Robert Walser, *Der Spaziergang* [O passeio]

*E haverá estrondo de montanhas que desmoronam, e correntes agitadas
refluindo nos mares, e rugido de fogo, e vento enfurecido.*

Livro tibetano dos mortos

Se Deus é nosso pai, o diabo é nosso amigo inseparável.

Você está ouvindo a Rádio Noite, e quem fala é Jossyp Rotsky, vulgo Jos. Acaba de dar meia-noite, e eu fico por aqui até de manhã. Hoje é dia 13 de dezembro, segunda-feira — como vocês podem ver, tudo é ideal: o pior dia do pior mês, no pior dia da semana. É uma boa oportunidade de estarmos juntos.

Não estou sozinho entre estas paredes. Graças às luzes verdes no mapa-múndi do estúdio, eu vejo de onde estão me escutando e, se eu não fosse um canalha inveterado, anunciaria emocionado que hoje estou até feliz — vocês são tantos. E são cada vez mais.

E cá estou (quase feliz, eu admito), olhando para essa mudança positiva: como ambos os hemisférios se cobrem pouco a pouco com manchas de pontinhos verdes, here, there and everywhere, e alguns deles já confluíram para pequeninos enclaves verdes. Um começo um tanto ambicioso para uma estação de rádio tão banal, se me permitem, e completamente caseira.

Zero hora e três minutos no meu relógio. Estou frisando o “meu” por causa da localização. O lugar em que me escondo entre quatro paredes... Sim, estou escondido outra vez, embora pareça impossível continuar com isso!... Tudo bem, reformulando: o lugar em que estou entre estas quatro paredes é muito bem localizado para quem pretende informar as horas. Estou aproximadamente onde começa a contagem. Estão lembrados de toda aquela geofísica elementar? Não, não estou em Greenwich ou na Argélia, Mali ou Burkina Faso, como também não estou no oeste da França ou no sul da Espanha. Adivinhem onde eu estou.

Que o vento seja uma pista. Vocês não podem ouvi-lo online, mas ele está presente. Mesmo assim ele está online. Acreditem em mim, ele está soprando furioso do lado de fora destas paredes. Eu também não consigo ouvir, mas tenho certeza de que está aqui. Sem dúvida ele está presente, e carrega adiante, até Spitsbergen e o Polo Norte, tudo o que ele consegue apanhar: alguns fragmentos de órgãos de navios, asas de aviões, almas de pilotos, retalhos de lona, pedaços de casca de árvore, cheiros ocultos de líquens, apitos de madeira, o som deles, penas de pássaros. Em suas correntes, banham-se, desamparados como baleias, anjos do Norte.

A segunda pista está justamente nelas, nas baleias. Elas estão aqui, em algum

lugar, muito perto, movem-se como sonâmbulos por seus caminhos no grandioso silêncio das profundezas, envoltas em camadas de gorduras quentes e por um maço de massas aquáticas. E eu estou ao lado delas. Estou no oceano, e ninguém diria em qual dos dois. Ainda é o Atlântico ou é o Ártico? Onde está a fronteira entre eles? É o mar da Noruega ou da Groenlândia? Contudo, nessa época, em meio ao inverno e em uma noite de dezembro, todos eles são gelados pra caralho. Cem diabos na fuça deles, como diria o lobo do mar.

Ainda não adivinharam? Não bastaram as duas pistas? Não haverá uma terceira.

Estou numa ilha que não tem nome. É o meridiano zero. É zero hora, seis minutos em Greenwich, e acaba de começar um novo dia, 13 de dezembro. Tudo o que está a leste de mim já cruzou sua linha. Para aqueles que estão a oeste, ela ainda está à frente. Ainda estão se aproximando de seu 13 de dezembro. Digo isso especialmente para os ouvintes da região de Baffin, porque alguns pontos verdes no mapa dão prova de que temos alguns deles até mesmo lá. Além disso, hoje sou ouvido em Berlin, no estado de Massachusetts, e, por uma estranha coincidência, também em Berlin, no estado de Connecticut, e também em Athens, Kentucky, e em Athens, Illinois, em Versailles e Rússia (tanto a primeira, como a segunda, em Ohio), em Italy e Odessa (ambas no Texas), em Palermo na Sicília e Palermo na Dakota do Norte, nas três São Petersburgos e em Pittsburgh, nas Jerichos da Tasmânia e da Califórnia, nas Bethlehems da Pensilvânia, da Virginia, da Carolina e da Nova Zelândia, nas quatro Jerusalems dos Estados Unidos e na quinta, a real, em inúmeras outras cidades e lugares, como Aleluia, Nebraska.

Na madrugada de hoje, tenho uma coisa a contar para vocês. Justamente nesta madrugada, com sua escuridão já esticada quase que ao máximo. Com sua escuridão estendida sobre nossas pobres cabeças, como uma universal e obscura manta preta. Mais uma semana, e virá a noite mais longa. Mas não quero adiar nada. Ontem também mal tivemos um dia de luz. Quando muito, quatro horas de uma massa pálida no céu, ondas de chumbo, rochedos de chumbo, chumbo no horizonte e, além deles, um punhado ou dois de neve intermitente, vento e uma tempestade moderada — menos de sete pontos de intensidade —, mas que já dura seis dias. O dia terminou sem nem ter começado: pelas duas da tarde, escureceu rapidamente, e toda a colônia de aves marinhas gritou seu último adeus, enquanto eu andava pra lá e pra cá pelo terraço interno.

Sabem, eu gostaria de fazer um alerta. A vocês que ainda estão me ouvindo e aos que estão chegando. Isso mesmo. Com certeza não vou salvá-los e dificilmente vou ajudá-los de algum jeito. Mas, de todo modo, hei de preencher sua noite com insônia. Esta rádio é para aqueles que

*chegaram ao limite
entraram num beco sem saída
não veem nada adiante
não dormem à noite
não querem dormir à noite
não dormem de forma alguma
não dormem e ficam pensando
jazem imóveis, de olhos abertos.*

Para pessoas como vocês, tenho um tipo favorito de música.

Hoje comecei com a piada: “Se Deus é nosso pai, o diabo é nosso amigo mais íntimo”. (Primeiro eu disse “inseparável”, mas também dá para falar assim. Quanto mais íntimo, melhor.) Minha história é um pouco sobre isso. Se eu não fosse eu, continuaria, com uma entonação respeitosa, dizendo assim: “Esta história é sobre as complexas relações do narrador com seu pai e seu amigo íntimo. Sobre a insuportável escolha entre o respeito pelo primeiro e a atração (para não dizer amor) pelo segundo”.

Mas no meu relógio é zero hora, onze minutos, e é hora de música.

*Lubomyr Melnyk. **Ripples in a Water Scene.** Ondulações numa cena aquática.*

O Comitê Biográfico Interativo Internacional (CBII) — instituição a tal ponto influente e respeitável que, já por duas décadas, venho tentando granjear o direito de me tornar seu membro-correspondente — me incumbiu de escrever uma biografia expandida e comentada de um certo Jossyp Rotsky. Aceitei tal tarefa não somente com uma oculta e profunda gratidão, mas também com a responsável consciência de sua particular complexidade. Afinal, nunca tive que fazer coisa semelhante. A soma das coisas sabidas a respeito da pessoa cuja trajetória de vida eu tinha que documentar em sua absoluta totalidade parecia não muito maior que zero e consistia apenas no nome e no sobrenome.

No fim das contas, nem esses dados mínimos pareciam tão certos assim. O nome, em particular. Era mesmo Jossyp? Ou talvez um pouco mais arcaico, Ossyp? Ou, digamos, Iossyf? Isso sem falar de Iozef e Iuzef. Ou ainda Ioassaf e Iossafat.

Jossyp Rotsky. Um híbrido pretensioso de Brodsky e Roth. Este último, por falar nisso, por seu local de origem é também *brodsky*, ou, mais precisamente, *brodivsky*.¹ Mas isso não vem ao caso.

Depois de uma série de meditações e de uma busca meticulosa de todos os recursos online possíveis, cheguei a algumas primeiras conclusões. Antes de mais nada, que Jossyp Rotsky de fato existiu, e talvez ainda exista. Ou seja, ele não é, de modo algum, produto da imaginação de um funcionário do Comitê. Ninguém do Comitê tinha o intuito de colocar em circulação mais uma ficção biográfica — isso eu poderia assegurar até mesmo sob tortura. Outra coisa é por que ele, Jossyp Rotsky, era tão necessário assim ao Comitê. Eu presumia que a resposta começaria a tornar-se evidente mediante o avanço de minha investigação.

No início, havia umas migalhas. Consegui descobrir que Jossyp Rotsky

1 Trata-se aqui de um trocadilho entre o nome do poeta Joseph Brodsky (Jóssif Aleksándrovitch Bródski, 1940-1996) e a cidade de Brody, onde nasceu o escritor judeu austríaco Joseph Roth (1894-1939). Situada atualmente no oeste da Ucrânia, Brody fazia parte do Império Austro-Húngaro à época do nascimento de Roth. [Esta e as demais notas de rodapé são do tradutor.]

recebera em parte uma educação musical e, ao que parece, possuía diversos instrumentos de teclas. No início dos anos noventa, fizera parte de certa banda e até estivera em turnê (*turneou*, em suas próprias palavras) na Sérvia. Porém, também pode ter sido na Macedônia. Não aprendeu sérvio, mas às vezes imitava diversas frases que se assemelhavam ao sérvio. Assim, ao virar-se para olhar umas linhas ou sinuosidades particularmente sedutoras, ele podia dizer, com entusiasmo, “*kákova málitsa!*”, o que, de acordo com sua invenção, significava “que garota!” em sua língua materna. Às vezes, chegava ao ponto de acrescentar “*kákova traseira!*”. Porém, não tinha nada rude em mente: por “traseira”, ele se referia à pessoa que, depois de passar por ele, encontrava-se atrás. Aquela que desfilasse à sua frente poderia ser chamada de “dianteira”.

No mais, ele gostava de usar suas próprias palavras, recém-inventadas. Algumas delas continuavam voltando para ele, outras, brotavam uma só vez.

Em sua vida passada, que acontecera na virada do século XV para o XVI, ele, aliás, também fora músico, mas, pelo visto, consideravelmente mais habilidoso.

Além disso, fiquei sabendo que Jossyp Rotsky usava, com muita frequência, camisas lisas ou, melhor dizendo, coloridas. Embora preto também não lhe caísse nada mal. Talvez isso se explicasse pela heterocromia — um fenômeno bastante raro em que a íris de cada olho tem uma coloração diferente. É sabido por todos que um olho de Rotsky era esverdeado. Se era o esquerdo ou o direito, isso não consegui determinar. A cor do outro olho, por enquanto também não.

Jossyp Rotsky foi forçado a deixar seu país. Há todas as razões para pensar que isso se deveu sobretudo à derrota da revolução, na qual — tanto na revolução como na derrota — ele desempenhou um papel que não foi dos menores. Daí sua muito provável participação em certa tentativa de assassinato político. Ao que parece, bem-sucedida.

Era aproximadamente isso o que eu já sabia sobre Jossyp Rotsky quando, para a continuidade de meus exercícios de busca, iniciei uma jornada. Sem me deter em cada ponto isolado de minha confusa viagem, cujos fragmentos isolados pareciam irremediavelmente absurdos e que não levavam a outro lugar a não ser um beco sem saída, interminável e fechado, ainda assim vou relembrar como finalmente me deparei com um obstáculo intransponível, na forma da má fama de uma prisão suíça que tive que contornar sem poder adentrar. Esse fracasso me fez cerrar os dentes e tornou-se, à sua maneira, um ponto de inflexão.

Em dezembro do ano passado, fui parar em Rinocerontes — não um vilarejo, e sim uma cidade nas cercanias de um dos setenta centros geográficos da Europa, em sua versão ligeiramente mais oriental. Os Cárpatos assumem ali uma forma vulcânica bastante exótica, e seus contrafortes, cobertos de arvoredos de aveleiras e castanheiros, criam verdadeiras cascatas de encostas mais íngremes e mais suaves, às quais a mencionada cidade foi sendo idealmente moldada ao longo de quase nove séculos. Na verdade, ela não passou a ser chamada de Rinocerontes no momento de sua fundação, e sim apenas durante o governo do vigésimo sexto barão Florian-August. Ou seja, em algum ponto do fim do século XV.

Demorou até que eu conseguisse alugar a residência em que Jossyp Rotsky supostamente esteve instalado alguns anos atrás, *pela mesma grana*, como o corretor um tanto sombrio me garantiu, e isso, nas atuais condições de inflação volátil, deveria ser considerado um privilégio ainda imerecido.

Assim, tornei-me morador daquele lugar, comum só ao primeiro olhar. O edifício, em que metade do parterre estava temporariamente à minha disposição, era um exemplo, com seus diversos andares, de indefinição arquitetônica, e se enterrava com todas as forças no sopé rochoso e arenoso — também chamado *selvagem* — da Colina do Castelo, como que ansiando desaparecer para sempre, ocultar-se em suas entranhas. No idioma que outrora foi chamado de russo, isso certamente soaria como *vnedrítzia*.² A única peculiaridade do edifício poderia talvez ser o porão — e não o porão em si, mas o clube localizado nele. Afinal de contas, ficava fechado a maior parte do tempo. Ou então era muito pouco frequentado. Estive nele só uma vez, na primeira noite depois de me fixar ali. Era um daqueles covis tipicamente antiquados, onde se fumou tanto que corrente de ar nenhuma conseguiria um dia eliminar o cheiro. Um indício adicional do ar *old school* eram os palitos de dentes — não só nas mesas, ao lado dos salteiros e pimenteiros, mas também no bar, por algum motivo. Faltavam só potes de mostarda. Nenhum dos funcionários ansiava por satisfazer minha curiosidade fingidamente débil. No entanto, o fingidamente apático barman deixou que eu arrancasse dele a confissão de que, até pouco tempo atrás, havia outro estabelecimento ali, e ele não tinha ideia de quem o frequentava. Mais precisamente, tinha nada mais que uma noção bastante vaga: “Alguns emigrados”. O *frankovka* local não era sequer uma versão medíocre desse vinho mais do que medíocre, e, no interior, não acontecia

2 Em russo, no original: “penetrar”, “introduzir-se”, “fincar raízes”.

nada de particularmente agradável. Por exemplo, no meu campo de visão nunca apareceu nem mesmo uma sombra de algo que se adequasse à frase “*kákova málitsa!*”. Depois de me torturar com uma segunda taça, paguei e subi para minha residência.

Mais perto do meio do mês, quando os dias se tornam criticamente curtos e descaradamente escuros, sobretudo na área de parterre do edifício sob a Colina do Castelo, aconteceu comigo, naquele momento, a única aventura mística da minha vida. Ao trabalhar à tarde em outra pilha de documentos, nenhum dos quais continha algo útil para mim, e ao olhar pela janela para as tentativas extremamente tímidas da neve de por fim abster-se de qualquer contenção e verter-se com toda a sua força, involuntariamente comecei a bocejar e, então, depois de fazer uma pausa, decidi tirar um cochilo numa cama dobrável tentadoramente disponível. Já meio adormecido, mergulhando em sono absoluto, consegui registrar uma circunstância nova para mim: de baixo, ou seja, do porão, começaram a reverberar sons de diferentes timbres e volumes, o que indicava deslocamento de móveis e afinação de instrumentos. Talvez não de todos eles. De qualquer maneira, o técnico de som do clube já sofria bastante com a bateria.

A segunda coisa que consegui foi lembrar que o dia era sexta-feira e que naquela noite haveria um show.

A terceira coisa não veio muito depois da segunda. Tudo estava como então. Eu não era eu, e sim Jossyp Rotsky. Estava deitado na mesma cama dobrável, na época dele. Foi ele quem ouviu todos aqueles sons vindos de baixo. Deixei me dissolver em tudo o que se seguiu. Ou seja, em outra hora e em outro dia, mas também no fim do ano e naquela mesma residência.

Lá embaixo, o bumbo era afinado da mesma forma — longa, tediosa e regularmente metódica. Nisso, não havia nada de extraordinário. Residir em cima de um clube significa alguns inconvenientes, especialmente às sextas-feiras e aos sábados. O clube se chamava Xata Morgana (ou Khata Morgana³ — ambas as versões da grafia eram usadas em pé de igualdade), e Jossyp Rotsky nunca tinha posto o pé lá dentro. Porém, ele já se acostumara a todos os sons pré-show das tardes de sexta-feira. E também aos shows,

3 Literalmente “Casa Morgana”, respectivamente em grafia latinizada e em cirílico, no original. O trocadilho é entre *khata*, “casa” ou “cabana camponesa”, e *fata Morgana*, “fada Morgana”, a personagem da mitologia arturiana.

para falar a verdade. Jossyp Rotsky teria dito que nem todos soavam igualmente desesperadores, se lhe tivessem perguntado. Porém, não havia ninguém para perguntar.

De qualquer forma, no porão não acontecia nada de anormal.

Porém, algo de todo anormal, senão impossível, pareceu o toque da campainha. Jossyp Rotsky não atendeu. Ninguém, absolutamente nenhuma alma viva, poderia perturbá-lo aqui hoje. Nenhum encontro, nada de sessões de sexo ou outro tipo de intimidade estava planejada para essa sexta-feira. Entretanto, o toque se multiplicou numa série de toques, curtos e longos, que depois se transformaram em batidas. O visitante desconhecido demonstrou uma categórica inconveniência e certa impaciência.

Rotsky pela primeira vez lamentou-se pela falta de um olho mágico — já deveria ter perfurado um na porta muito tempo antes. Ele hesitou um pouco, imóvel em frente à porta. Sua imaginação bem treinada tivera tempo de passar por vários *feeds* de notícias em que, dentro de uma ou duas horas, brotariam informações sobre outro membro da lista liquidado. *Eles*, talvez, por que não, presumiu Rotsky. Por fim, dando de ombros mentalmente e proferindo em pensamento o habitual “Só se morre uma vez!”, ele abriu.

A pessoa do outro lado da porta era sobretudo perfume, uma nuvem intensamente espessa de aromas. Dela, ressoaram as primeiras palavras, e elas foram: “Bom dia, eu sou a presa”.

Na língua materna de Rotsky. Uma língua que, ao longo dos últimos anos, ele esquecera como utilizar.

“Bom dia, eu sou a presa.”

“Vdovytych?”⁴ Rotsky não acreditou.

“Não, a presa. Mas no sentido positivo — como a do caçador. Você é o caçador, eu sou a presa.”

Rotsky olhou para aquela calvície perfeita, para a protuberância brilhante de sua cabeça. Estava só um pouco abaixo, já que ele, Rotsky, não se destacava pela estatura elevada.

“Myroslav-Iaromyr Servus”, nomeou-se o homem careca. “Também pode abreviar: Myromyr ou Slavoiar. Mirko. Ou Iarko. Somos vizinhos aqui. Estou debaixo de você. Sou o dono da Khata Morgana. Estamos incomodando muito?”

“É muito gentil de sua parte”, disse Rotsky, entredentes.

⁴ Rotsky confunde a palavra ucraniana *zdobytych*, que significa “presa”, com o nome próprio “Vdovytych”.

“Sim, eu sei. Não poderia me convidar para entrar?”

A nuvem de perfume flutuou pela antessala. Rotsky achou que o reconheceria: Gravity Master de Klaus-Johann Bérangé (açafraão, canela, jasmim-da-noite, cinzas e ainda, em cima de tudo, almíscar).

“Suas narinas não estão mentindo. Fiz isso de propósito: para cortar o enxofre”, comentou o homem careca, rindo de sua própria piada e avançando com ar confiante para a sala de estar.

A perfeição não se resumia à calvície. O barbear perfeito não deixara no rosto nem sobrancelhas, nem cílios. O ajuste perfeito do traje perfeitamente talhado não dava chance alguma para os vincos. E ainda todos aqueles adornos caros no nariz, nas orelhas, no pescoço, nas lapelas e nos dedos! E cada uma exigiria um olhar muito atento e uma interpretação simbólica.

“Não vim só para me apresentar”, o hóspede lançou um olhar para algo perdido em algum lugar atrás do anfitrião ao chegar ao fim do corredor. “Tenho uma propo...”

Ele não terminou por causa de Edgar. Este finalmente avaliou a situação e, com um estrépito agudo, saiu voando de sua permanente tocaia em cima do guarda-roupa. Parecia que agora ele atacaria aquela careca perfeita não só com o bico, mas também com as garras.

“Não tenha medo, ele é um cientista e um poeta. Não vai atacar, embora fique estimulado com seus brilhantes”, garantiu Rotsky nervosamente, deixando o convidado entrar na sala de estar, e com ele também o corvo.

Edgar pousou suavemente no ombro de Rotsky (como de costume, no esquerdo) e, com ávida curiosidade, observou, vis-à-vis, o calvo que acabara de desabar na poltrona oposta.

“Que belo *nevermore*”,⁵ elogiou Servus. “Faz tempo que está com ele?”

“Dois milênios”, disse Rotsky, ao que Servus acenou com a cabeça em sinal de compreensão.

“Sr. Jossyp”, começou ele, demonstrando, com todo o seu jeito, como podia logo pegar o touro pelos chifres.

“Pode ser só Jos”, interrompeu Rotsky.

“Ótimo, Jos”, concordou o convidado. “Já que é assim, então eu sou Mef. Mas já vou avisando: não Mefisto. Nem tenha esperança.”

“Que pena. Então de onde veio Mef?”

5 Menção ao poema *O corvo* (1845), de Edgar Allan Poe (1809-1849). Na história, o protagonista recebe a improvável visita de um corvo, com quem ele conversa e que responde unicamente com a palavra *nevermore* (“nunca mais”).

“O diabo é que sabe. De Mefódi? Uma vez me chamaram assim em um grupo de pacientes anônimos. Lá, inventavam nomes para todos, codinomes. Em nosso círculo, tinha a sra. Amfa, alguns Cracks, o velho Jah, a jovem Barbie e o inesquecível casal Tram e Dolly. E eu virei Mefódi.”⁶

“Mefódi, Mef. Cai bem.”

“Acho que foi por causa da mefedrona, que eu usava na época. De preferência, sabe, durante o banho de banheira quente — aí fiquei viciado. Cheirei, experimentei o gosto. É triste, é terrível, mas você lembra... A propósito, você tem aqui um cômodo com banheira?”

Rotsky ainda refletia sobre uma resposta que não parecesse estúpida, e, enquanto isso, Edgar, sem conseguir encontrar no estranho nada que exigisse o terceiro grau de proximidade vigilante, saiu, dessa vez de maneira quase inaudível, de seu ombro favorito e voou para um velho aparador no canto oposto da sala, de onde, no entanto, continuou a observá-lo de modo bastante atento.

E então começou uma conversa que, de acordo com a maioria das versões, não podia ter durado menos de uma hora.

Mas não dá para chamar de conversa, no sentido mais puro, essa torrente muito mais próxima de um monólogo. Quem falou a maior parte do tempo foi Mef — e Jos, embora soubesse desde o início que a cada proposta a resposta inevitavelmente seria “não”, ouviu a maior parte do tempo. Ele não primava pela excessiva polidez, assim como pela estatura elevada, e a palavra “não” (ele a pronunciava *na*) estivera entre suas cinco preferidas já por metade de sua vida. Ainda assim — que milagre! —, ele suportou e ouviu, perguntando-se internamente de onde raios viera tamanha tolerância.

“Jos”, disse Mef, “sou um antigo admirador seu, não um velho admirador, e sim antigo, embora você possa duvidar que ainda tenha sobrado um em algum lugar do mundo. Pois eu sou um deles, talvez o único. Fiquei cheio de alegria, Jos, quando soube que você moraria aqui agora, acima de mim, foi como uma bênção que desceu sobre o meu estabelecimento, uma espécie de orvalho de Deus. Você está acima de nós, como aquele Deus, Jos. Vi você tanto ao vivo, como em gravação, e também *naquele* inverno, quando você colocou uma máscara. Tenho uma coleção de seus autógrafos, Jos. Vim buscar sua alma.”

(Vai ver você está me confundindo com alguém — Rotsky respondeu. — I’m not so important, man. Muito menos minha alma.)

⁶ Trata-se da versão eslava oriental do nome grego “Metódio”.

“Deus que me livre”, respondeu Mef, “e o diabo que me carregue, mas aqui tem um monte de evidências”, e mostrou rapidamente no smartphone: fotos, vídeos, áudios. “Rotsky, Rotsky, Rotsky, veja por si mesmo, sou sua presa, Jos, já faz trinta anos que sou sua presa. Eu cresci me espelhando em você. Eu usava os mesmos penteados que o seu de agora. Até o meu cabelo cair por causa dos problemas. Na juventude, eu inclinava a cabeça para o lado do mesmo jeito, e levantava o queixo. E andava com o colarinho levantado, as mãos no bolso. Vivi no seu estilo e pelo seu estilo, Jos. Vivi em seu nome. Sabe quanto dinheiro eu enfiei em toda essa revolução, graças ao seu nome? E dezenas, centenas de outros como eu? Levamos tudo: comida, remédios, roupas, lenha, fumo, as armas, os nervos, os pulmões, coca. Na primeira exigência da Liderança, Jos. Eu não confiava em nenhum deles como confiava em você. Eu não confiava neles nem um pouco, mas em você, sim, Jos. Enquanto você estava lá, nós sabíamos por quê. Veja só, veja só: esse e esse outro seriam presos no dia seguinte, esse seria estrangulado, esse depois delataria todo mundo, essas duas, uma depois da outra, naquela mesma noite estariam desaparecidas sem qualquer vestígio, e esse aqui rodaria por um bom tempo, essa perdeu o bebê, enquanto eu e você somos emigrados. Em uma só foto, tantas histórias, veja, Jos.”

(Rotsky, passando devagarinho pelos arquivos do smartphone: *E depois? Começamos um círculo de prisioneiros e reprimidos?*)

“Bem perto disso”, Mef responde. “Quase acertou.”

(*Só que isso é chato — pensou Rotsky. — Não tenho nem palavras para expressar o quanto é chato.*)

“A emigração é um país onde geralmente se dorme mal”, respondeu Mef. “E, quando você pega no sono, dorme tão pesado que não consegue acordar: você se afoga no próprio uivo, como se fosse vômito. Acho que é PC — peso na consciência. Pedras e outros FSA — fardos sobre a alma. E tudo quanto é coisa desse tipo. E você fica se perguntando, o tempo todo se perguntando. Por que é que pregaram — literalmente — uma sovela no pulmão daquele ali, e não no meu? Por que o *sniper* pegou aquele ali? Eu estava a um metro de distância, e totalmente sem escudo! Por que não fui eu que perdi um bebê? Por que não fui eu a ser mandado para um barracão por setecentos e cinquenta anos, dez meses e três semanas? É porque eu estou aqui, e eles estão lá? Mas por que é que eu estou aqui? Por que aquele teve tuberculose, e eu estou abrindo um novo clube?”

(*Só não acredite que é uma missão, Mef, porque é um acaso.*)

“Mas como não acreditar, Jos? Afinal, todo acaso é uma missão. É que

eu sonhei com um nome por acaso. Por acaso, criei um clube para ele. Para isso, era preciso achar por acaso esse porão. Eu achei. Mais precisamente, as chaves dele. As chaves serviram, e tudo se abriu. Depois, os primeiros clientes casuais. Eles começaram a vir aqui por acaso. Precisavam de um lugar para se aquecerem juntos. Eram migrantes da primeira onda, afinal, ainda quentes, recém-chegados de casa. Mas o calor se perde, e eles precisam uns dos outros. Mas será que você não vê o que está acontecendo? Como nosso país todo está saindo de si mesmo — aos trancos e barrancos? Para qualquer lugar que seja — desde que não fiquem. Quem ficou, morreu, o regime engoliu tudo, até as tripas. Até nesse cu vulcânico nos Cárpatos, já tem mais de dois milhões da nossa gente. Daqui a um ano, seremos cinco, porque todo mundo que pode está fugindo. Escute só, mesmo aqui, na periferia, somos vinte por cento! E o que dizer das capitais, dos centros? E é claro que são os jovens, os jovens. Qualquer buraco no exterior é melhor para eles do que em casa! Mas eles ainda se apegam a alguns fios, a alguma memória. E não somente eles, não um grupo vazio, mas certo tipo de comunidade. Sentimos sua falta, Jos. Para o grupo se tornar uma comunidade, precisa de você. Sabe, uma espécie de referência, de vetor, de eixo, de haste, de pistão.”

(Está falando do striptease?)

“Ah, nós temos striptease no domingo, para você saber. Mas precisamos de você na quinta-feira, Jos.”

(Por que na quinta-feira?)

“Porque na segunda-feira nós descansamos, o clube fica fechado. Na terça-feira, tem palestras, discussões, painéis, reuniões, uma masterclass para entusiastas de café, uma centena de charutos, uma feira de veganos. Na quarta-feira, tem muitos eventos com *f*: futeboloteca, filmes, *freak shows*, *free jazz*, flamenco, *French disco*, *fafa-lialia*⁷— e, uma vez por mês, noites de casais homossexuais. Na sexta-feira, tem a noite de grupos jovens Feliz Rock Novo,⁸ estreias de bandas. No sábado, festas fechadas de patrocinadores e doadores. E, no domingo, striptease. Como você já sabe, Jos. Bom, e na quinta-feira será você.”

Edgar, que já vinha se preparando havia algum tempo para intervir a partir de seu aparador, reiterou, de modo bastante claro, ainda que com um grunhido característico: “Por que quinta-feira?”

7 Expressão idiomática ucraniana mais ou menos equivalente a “blá-blá-blá”. Aqui, refere-se a um evento de discussões sobre temas livres.

8 Há um trocadilho de difícil recuperação, já que as palavras “ano” e “rock” têm o mesmo som e a mesma grafia em ucraniano: *rok*.

Sem pestanejar, Servus abriu os braços e explicou — mas não para o corvo, e sim para Rotsky: “Todos os outros dias já foram ocupados. É um ciclo semanal”.

Então — agora de modo mais concentrado e grave, como se inserisse um traço patético (o técnico de som do clube finalmente pulara da desobediente bateria e passara a atormentar o baixo): “Jos, volte. Por que desapareceu? Seu carisma não permite isso. Uma personalidade como você tem um peso crítico. Cá entre nós, entre os jovens daqui os laços com a pátria estão sendo cortados depressa demais”.

“Não gosto dessa palavra”, Rotsky fez uma leve careta. “É melhor dizer em sérvio: *domovina*.”⁹

“Gostaria de acreditar que ainda não é hora de sérvio. E já está na minha hora”, ele se levantou da poltrona, olhando para Edgar por via das dúvidas.

Este não demonstrou nada, mas não tirou os olhos dele.

“O que devo apresentar para você?”, perguntou Rotsky, de modo novamente inesperado para si mesmo.

“Música.”

“Já faz cem anos que eu não toco.”

“Por isso mesmo que estou dizendo: volte. Posso pagar bem.”

“Obrigado. Tenho uma segurança financeira absoluta e totalmente ilimitada.”

“Posso pagar com algo que não é dinheiro, Jos.”

Irritado pelo fato de que deveria ter encerrado tudo aquilo muito tempo antes e assim não ter feito mais nenhuma nova pergunta, Rotsky ainda assim perguntou:

“Com o quê, então?”

Eles estavam em pé, no corredor, e Mef esticou-se para tocar a maçaneta da porta de entrada, mas deteve-se e olhou mais uma vez com ar grave — porém, não tanto para Rotsky, e sim para Edgar, que estava de novo empoleirado no ombro do outro, no esquerdo.

“Você tem mesmo olhos de cores diferentes. Certamente um sinal de ter sido escolhido.” E continuou: “O preço pode ser alto. Uma noitada sua — e mais um verão de sua vida. A propósito, estava aqui de olho num autêntico piano Schellenberg do início dos anos trinta. Uma sonoridade incomum, mas tem que afinar. Quer tocar no Schellenberg?”

⁹ *Domovina* em sérvio significa “pátria”. Porém, em ucraniano, a palavra análoga, *domovyna*, significa “caixão”, “túmulo”.

“Já não sei o que fazer com os anos que me foram dados. E você ainda promete acrescentar alguns”, Rotsky deu um sorriso um pouco desdenhoso, mas o mais estreito possível, para não abrir os cantos da boca, que já estavam vazios havia muito tempo. “Mas mesmo assim, obrigado pela proposta.”

Dessa vez, a mão de Mef, com todos os seus caros adornos, puxou o ferrolho, e a porta entreabriu-se.

“Eu já disse tudo e deixo você a sós. Espero que pelo menos com dúvida. Ou pelo menos com o crepúsculo.”¹⁰

O mais correto seria ter dito “com o perfume”. Mas o crepúsculo de fato se adensava.

A porta estalou, e Rotsky, não sem alívio, embora não sem certa bravata, olhando de esguelha com seu olho esquerdo, esverdeado, para o próprio ombro, perguntou:

“E o que você diz disso, meu velho?”

A última palavra não foi uma familiaridade vazia. De acordo com os cálculos de Rotsky, Edgar passava dos duzentos anos.

10 Mef faz um trocadilho entre as palavras *sumnivy*, “dúvidas”, e *sutinky*, “crepúsculo”.